

O CARISMA

AUTOR: Pe. Nello Dalle Vedove, css

TRADUTOR: Pe. Vergílio Zoppi, css

APRESENTAÇÃO

É com grande satisfação que venho apresentar este opúsculo sobre o Carisma de São Gaspar Bertoni, justamente no dia de seu natalício e no sesquicentenário de sua volta ao Pai.

Desejo congratular-me com Pe. Vergílio pela brilhante iniciativa da tradução do italiano, possibilitando assim a muitos o acesso ao interior da figura magistral de nosso santo Fundador.

A Igreja vem insistindo com os Institutos para uma volta às fontes. Aqui podemos encontrar uma propícia ocasião de beber dessa água límpida, que brota do saber e da espiritualidade de São Gaspar.

Na verdade estas linhas bem traçadas vão ajudar não só aos já pertencentes à Congregação Estigmatina, mas também aos nossos estudantes e aos grupos de leigos, que estão sendo formados em nossas paróquias. Além disso, uma leitura atenta servirá e muito para aclarar e reforçar a nossa identidade, como religioso, como estigmatino e como bertoniano.

Quero aproveitar para agradecer e parabenizar o nosso ilustre confrade italiano, Pe. Nello Dalle Vedove, pelo seu longo, profundo, brilhante e enriquecedor trabalho de pesquisas e de produção literária sobre o nosso Fundador.

Faço votos que o conteúdo deste livrinho possa mostrar a muitos o perfil bem delineado do carisma e do espírito de São Gaspar e os ajude progredir no caminho da perfeição cristã.

Rogo ao Pai que abençoe, ao Filho que sustente e ao Espírito Santo que ilumine e inflame a mente e o coração de cada um, para poder seguir fielmente as pegadas do Fundador, amparado e protegido pelos nossos Santos Patronos Maria e José.

Goiânia, 09 de outubro de 2003.

Pe. Rubens Sodré Miranda, CSS
Superior Provincial

ÀS RAÍZES DA NOSSA IDENTIDADE

I – “CARISMA” E “ESPÍRITO” DO BERTONI, O FUNDADOR

Premissa

Segundo as expressões de São Paulo, o carisma é um “espírito” ou um “dom” espiritual concedido para utilidade dos outros, “um ministério” ou “atividade” concedida livre e gratuitamente pelo espírito, para o bem comum (1 Cor 12,4-7; Hb 4,10-11).

O Vaticano II esclarece: “Redunda em benefício da Igreja que os Institutos tenham índole e funções próprias. Sejam pois, fielmente conhecidos e observados o espírito e as intenções específicas dos Fundadores...” (P. C. 26).

Falando com propriedade, o carisma engloba aqueles elementos essenciais e objetivos de uma determinada graça de doação, com a missão própria, que a ele está ligada. O espírito, ao invés, é o modo subjetivo ou a forma pessoal, com que o carisma é adquirido e é vivido.

Os Fundadores, com a comunicação de uma só graça receberam do Espírito Santo as duas coisas: carisma e espírito.

O sentido profético do carisma de Bertoni se revelou através do seu espírito, como “o movente de viver”, de acordo com as experiências dos seus tempos, mas também com uma boa perspectiva de validade para os tempos sucessivos; foi como um embrião destinado a viver e se desenvolver no seio da Igreja.

Aceno histórico da Congregação

Os tempos em que o Bertoni iniciou e desenvolveu o seu ministério (1800-1853), foram particularmente difíceis. Na classe culta dominavam as correntes do iluminismo e do racionalismo, do liberalismo e do idealismo ateu, que exerciam nefastos influxos sobre as massas, levando-as à indiferença religiosa, ao ceticismo e à rebelião, com o pretexto de um ideal democrático e de uma unificação nacional. Pois no seio da Igreja, agiam com uma ação sutilmente corrosiva o jansenismo, o galicanismo e o febronianismo. Ainda que tudo isso não despontasse em larga escala em Verona, todavia também aqui era urgente se prevenir contra aquelas nefastas infiltrações, tanto mais perigosas enquanto teriam encontrado, na decadência dos costumes, ocasionada pela invasão dos exércitos estrangeiros, o terreno apropriado para mais facilmente vicejar.

O Bertoni sentiu-se chamado a trabalhar para uma renovação geral, dando um testemunho ainda válido, com o retorno a uma vida genuinamente evangélica e a

um ministério reformulado, segundo o espírito dos Apóstolos. Sabemos que “desde a mais tenra idade tinha decidido ser o missionário dos jovens” (Proc. Ord. p. 96). Como clérigo esta vocação se aclarou mais distintamente, quando se ocupava da instrução e educação dos meninos, a tal ponto de o fazer pensar concretamente, desde aquele momento, na fundação de uma Congregação religiosa, reunindo ao seu redor “zelosos colaboradores” (Summ. Add. p. 342).

Ao se tornar sacerdote, a vocação missionária se manifestou no púlpito, seja em São Paulo, como em outras igrejas, revelando no ministério da Palavra não só “exímias qualidades” de Pregador Apostólico”, mas a sua “inspiração celeste”, a sua “fisionomia de santidade”, o seu “anúncio animado e num tom grave, comovente, sereno”, que permaneciam gravados nos corações, deixando-lhes “as mais gratas e consoladoras recordações e as mais confortantes e suaves emoções” (Summ. Add. p. 337).

Uma união de sacerdotes se forma rapidamente ao redor do Bertoni, por motivo de estudo e para uma formação espiritual mais profunda. Na fundação e direção dos Oratórios Marianos (1802), tem junto a si como colaboradores os “Irmãos Sacerdotes”, que estão com ele aos pés do altar de Santo Inácio, onde recebe uma investidura particular (15 de setembro de 1808). E expressamente de “Companhia religiosa” ele fala em 11 de outubro de 1808, através da qual pensa preparar-se para um “empreendimento”, que exige a aquisição de grande e heróica virtude (23 de julho de 1809). Tratava-se de uma “grande guerra” a ser travada com “o inferno” (24 de julho de 1809).

É o período, no qual em Verona se vivem momentos de consternação: as Ordens religiosas foram reduzidas e parcialmente supressas e sabe-se que depois serão totalmente eliminadas. No dia 24 de maio de 1810, quando a supressão geral se dá, o Bertoni traça no seu Memorial algumas notas sobre a conservação dos mosteiros, dos quais até as mínimas coisas devem ser cuidadas, e também sobre o restante deles, onde isto não havia acontecido. E na meditação aos clérigos trata da vida religiosa, como uma “grande escola de virtude”, que pode levar à mais sublime santidade, mas também a uma extrema ruína a quem é infiel (Med. 37, I Rs). No dia 15 de julho de 1810, no translato de São Gualfardo, dos quatro sacerdotes, que levavam a urna, três são do círculo do Bertoni e experimentaram sensivelmente um forte impulso divino, para se recolher conjuntamente e dedicar-se perpetuamente ao bem do próximo (Lenotti, acenos sobre a vida de Pe. Miguel Gramego, CS, I, p. 412).

Não consta quando o Bertoni comunicou aos companheiros os seus planos, porém é certo que um toque claro, ainda que discreto, ele o fez pelo ano de 1812 ao seu confidente Marani, ainda clérigo, o qual o relata nos “Acenos a respeito da Congregação”. O Espírito do Senhor havia colocado no coração de Bertoni a idéia de uma Instituição religiosa, “mostrando-lhe antecipadamente um símbolo, uma figura” (CS, I, p. 179s). Recordemos que foi em 1812 seu êxtase, diante do crucifixo, que lhe mostra seu Coração.

Nesse mesmo tempo, depois de ter pregado os Exercícios, nos quais apresentou aos eclesiásticos a exigência para eles de uma santidade, que envolvesse a prática dos conselhos evangélicos, ao fazer semanalmente as

meditações no Seminário, recebeu luzes sobre a sua Congregação. Nas noites de oração no coro da capela (C.S., IV, p. 262), convidavam-no a fazer inovação na Igreja, através da modificação do ministério eclesiástico e em particular tinham diante de si a visão de “uma nova Ordem de Pregadores”, uma “Sociedade” ou “grupo de operários imitadores da vida apostólica”, cuja finalidade seria de “difundir em todos os lugares a luz da pregação” (CS, IV ps. 257ss).

Dois, porém, dos três sacerdotes sensivelmente chamados para se unir, durante o translato de São Gualfardo, se mostraram um pouco impacientes. O Farinati em 1815 estava pronto para parti, com o fim de se tornar jesuíta, mas foi impedido pelo Bispo. O Gramego também queria se afastar, mas foi demovido por Bertoni “iluminado por luz do alto” (CS, I p. 412).

Pe. Gaspar sente-se chamado pelo “Espírito inovador e restaurador de todas as coisas” a “renovar e refazer o seu ministério e, através dele, a sua Igreja, abolindo o velho espírito humano, aceitando o novo e divino, sobre a inefável legitimidade da primeira pedra” (Med. 16 b, I Rs.). Para realizar este plano, o Bertoni afirma que precisa tomar diversas medidas, dentre as quais também aquela de discernir o tempo. O tempo de manifestação acontece ordinariamente através de uma sobreabundante infusão de caridade e aumento de amor. Euntes docete omnes gentes (= plano comunicado ou missão).

“Permaneçei na cidade até que sejais envolvidos pela força do alto” (= infusão do Espírito, que enche de ardor e move para ação).

Sabemos que o Bertoni teve o seu Pentecostes na Igreja de São Firmo, na extraordinária Missão de maio de 1816. Ali o seu carisma ficou mais claro com a nítida visão da importância das Missões ao povo e a nomeação de Missionário Apostólico (20 de dezembro de 1817), que em seguida recebeu, mostrou-lhe a segura confirmação de sua missão específica (Memórias sobre Padres e Irmãos.. p. 20). A realização se tornou possível, por merecimento de um autêntico inaciano, D. Nicola Galvani, que ofereceu ao Bertoni “os Estigmas como local propício para organizar uma Congregação de sacerdotes, que viveriam sob as regras do Santo Inácio” (Ep. Bertoniano, p. 130).

Assim ao realizar a missão apostólica fora adotada a estrutura inaciana, porém como ainda estava sob o regime de supressão, para o momento era preciso utilizar uma parte acessória, ainda que substancial do plano: o ensino escolástico, na espera de tempos melhores (Summ. Add. p. 283).

No início, portanto, o verdadeiro carisma particular do Bertoni permaneceu fechado em seu coração. Porém logo foi iniciada a vida comunitária, sob a proteção dos Santos Esposos Maria e José, em uma vida monástica consagrada pelos votos privados. Um contemporâneo, que definiu os primeiros padres como “a pérola escondida do clero veronês”, viu esses “padres santos” reunidos com o fim de buscar a própria perfeição, com um modo de viver e agir comum, á maneira de pessoa de claustro e procurar, segundo a oportunidade e a possibilidade, a salvação dos outros. Característica principal da vida e de suas ações é “o isolamento e o escondimento”. “Vivem como pobres e necessitados”. Não aceitam nenhum tipo de doações de quem quer que seja. Pe. Bertoni sabe, com tal suavidade de modo e

com tal firmeza, conduzir sua comunidade, a tal ponto que um só espírito os anima, em todos uma só vida se difunde, por assim dizer “Se você conversa com eles, percebe que cada um, no modo de pensar, nos sentimentos do coração e na postura exterior, retrata fielmente o outro” (Summ. Add., p. 283).

As escolas dos Estigmas permaneceram abertas até o fim do ano escolar de 1842-1843. Nesse tempo o Bertoni se dedicou a escrever as Constituições. Nelas Santo Inácio deveria ter sua parte, seja diretamente ou através do Suarez e às regras de Santo Inácio os filhos do Bertoni deveriam recorrer, para preencher eventuais lacunas. Porém o esquema do Bertoni, as divisões em partes e capítulos, a determinação especialmente do fim e do programa do seu Instituto, são completamente originais. Até a maneira de expressão do Bertoni é sempre mais sintética, com exceção da parte X: “De unitate seu unione Sodalitatis”. Porém as estruturas, por assim dizer mais destacadas, são iguais: autoridade do superior por toda a vida, votos solenes dos professos, divisões de classes, gratuidade dos ministérios, exclusão do empenho perpétuo de almas etc.

O Bertoni, que então se aproximava do ocaso de sua vida e tinha feito múltiplas experiências em vários campos de atividade, com estudo programado, meditação e oração, sob a luz do Espírito Santo, inicia a Constituição dessa forma: Fim: Missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos, reportando-se literalmente ao decreto de nomeação de Missionário Apostólico. Ele se liga explicitamente à visão tida pelo ano de 1812 e à inspiração do púlpito de São Firmo, confiando a seus filhos o seu carisma, que consiste no ministério especializado da palavra de Deus, desde as missões populares, para a reevangelização dos cristãos afastados da prática da fé, até a toda a gama de atividades apostólicas, também fora dos limites da diocese, na assistência ao clero e na educação cristã da juventude.

“Os Missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos, sob a proteção de Maria e José, consagrados pelos três votos religiosos, se dedicarão ao serviço da Igreja, em contato direto com a hierarquia, principalmente com o ensino das verdades da fé, quer em força do caráter sacramental de seus membros, quer por um mandato especial.

Todos, sacerdotes e irmãos coadjutores deverão sentir-se chamados a atingir o mesmo fim e dar a própria contribuição àquela missão apostólica, que forma o carisma particular transmitido pelo Bertoni à Congregação.

Depois da morte do Pai Fundador, com o decreto de louvor de 16 de abril de 1855 de Pio IX “Congregationem, illiusque scopum... amplissimis laudibus prosequendum et commendandum mandavit”, e assim, para executar a vontade do Fundador e deste encaminhamento pontifício, o Pe. Marani lançava os Missionários Apostólicos no campo das Missões populares, que justamente então, pelas mudadas condições dos tempos, se abria diante deles. É certo, segundo as memórias contemporâneas, que seus filhos (de Bertoni), no discreto renascimento que se deu logo após a ereção canônica do Instituto... logo demonstraram aos olhos de todos que encarnavam atualmente a verdadeira idéia do Missionário Apostólico (Summ. Add., p. 229). Assim foi de fato que Pe. Bragato podia escrever: “Parece que o santo Fundador infundiu nos seus filhos o seu espírito. Eles quase de repente,

transformados em pregadores e missionários, operando maravilhas nos lugares para onde eram enviados, vão divulgando a divina palavra” (Summ. Add., p. 230). E o Bispo Riccabona, no seu relatório trienal de 1858, assegurava à Santa Sé: “Nestes três anos esses Missionários verdadeiramente Apostólicos, percorrendo muitas regiões, produziram muitos frutos para as almas...”. Por toda a sua vida o Marani (+1871) continuou nessa direção, até com a recusa de novas fundações, a fim de que não fossem paralisadas as Missões e com o afastamento do Pe. Vignola do ensino do Seminário, com desagrado do Bispo, para poder incrementar a pregação. Com o Pe. Lenotti (+1875) não aconteceu nenhuma modificação de roteiro no programa de atividade dos bertonianos.

Com o Pe. Pedro Vignola, primeiro Superior não formado na escola do Bertoni, os Estigmatinos se ocupavam ainda principalmente do ministério da pregação na cidade e fora dela (Crônica I, p. 152s). E tal exercício de ministério não foi afetado nem mesmo com a fundação de Parma (1876), onde eles se aplicaram com zelo ao bem das almas, marcadamente da juventude, com a abertura imediata de um Oratório na igreja do Bairro e depois um outro naquela das Cinco Chagas: empenhando-se em explicar a doutrina cristã aos meninos, em confessar e pregar nas igrejas e Institutos da cidade, pregando tríduos e missões nas paróquias da diocese, onde eram convidados, sem desanimar diante das privações de toda a sorte” (Crônica I, p. 153). O mesmo programa foi desenvolvido no ano seguinte, com a fundação de Bassano (Crônica I, p. 189).

No ano de 1877 em Parma, conforme os acordos, foram abertas as primeiras escolas elementares. Em 1878 seguem aquelas dos Estigmas. Porém isto não impede que em 1879, na ocasião do Jubileu, os estigmatinos saiam para pregar muitas missões extraordinárias (Crônicas I, p. 162). Depois no ano de 1881 é o momento da escola ginásial em Bassano e no ano seguinte nos Estigmas. Mas em 1883 o Bispo de Pavia, que desejava uma fundação em sua cidade, consegue no entanto que dois padres, com uma série de missões, preparassem a população para a Visita Pastoral (Cron. p. 176).

Em 1888 o Bispo de Pavia, D. Riboldi, assim assume a atividade apostólica dos filhos de Bertoni: “Os ótimos missionários fizeram um grande bem: seu espírito é o espírito eminentemente sacerdotal; estão cheios de zelo e ao mesmo tempo são humilíssimos; amam o sacrifício até ao heroísmo e o enfrentam com uma desenvoltura edificante; professam e defendem a doutrina católica em toda a sua integridade e em todas as suas conseqüências, assim como a doutrina do Angélico e a de Santo Afonso de Liguori” (Crônica I, p. 186).

O XIIº Capítulo Geral (setembro de 1890) assinala um posicionamento decisivo na história da Congregação dos Estigmas, porque em força de uma interpretação arbitrária das palavras do Decreto de Aprovação, pretendeu-se determinar quanto se refere ao Fim do Instituto, afirmando que as escolas deviam estar no mesmo nível das missões populares (Cron., p. 194).

Em 1898, ao lado das escolas, se abre o primeiro colégio em Udine, depois em Parma, Milão e Gemona e em 1912 nos “Estigmas” de Verona.

No ano de 1905 a atividade dos Estigmatinos se estende aos Estados Unidos, em 1910 a Brasil e em 1925 à Missão ad gentes na China. Ao encerramento desta última nasceu outras missões na Tailândia (agosto de 1952), depois na África do Sul (1960), em Costa do Marfim (1967), na Tanzânia (1978), no Chile, nas Filipinas.

Em 1914, com a aceitação das duas paróquias de Roma e de Milão, dedicadas à Santa Cruz, se abre o campo empenhante e envolvente da atividade paroquial.

II – O “CARISMA” DO BERTONI

Enquanto Fundador do seu Instituto

O carisma da vida religiosa

Todo Instituto religioso é fundado sobre um carisma particular dado antes de tudo ao seu Fundador e depois partilhado com aqueles que são chamados, na afinidade de espírito e de caráter, a desenvolver o programa de vida e de ação.

O carisma é uma força ou impulso maravilhoso, que surge pelo sopro vital do Espírito Santo dentro do eleito e se manifesta exteriormente de forma visível e bem definida, como missão em prol da Igreja.

Para tanto a autoridade hierárquica examina a tendência, que o Espírito suscitou em um Fundador e quando a aprova, determinando os quadros e as condições de desenvolvimento e assegurando-lhe um lugar particular na Igreja, entende que não fique fossilizada numa regra intocável, cheia de minuciosas prescrições, mas deseja que seja conservada sua vitalidade progressiva e seu encaminhamento dinâmico.

A razão de ser e existir de um Instituto, no curso dos tempos, depende da continuidade do seu carisma particular, que o torna apto a desempenhar uma função útil e necessária no seio da Igreja, também através de mudanças da história, que podem trazer modificações secundárias ao primeiro projeto.

O carisma favorece uma espontaneidade pessoal e mesmo transformando intimamente o ser, respeita as tendências fundamentais da personalidade, dando valor a todos os recursos do indivíduo, porém, elevando-os a um plano sobrenatural.

O acabamento ou perfeição pessoal, porém, é o escopo final do carisma, visto que ele é por sua natureza, comunitário e social, em função da salvação dos outros e direcionado à edificação do Corpo de Cristo (D. G. 45).

O desenvolvimento do carisma inicial e sua adaptação às exigências do tempo, devem levar os membros de um Instituto a um crescimento de vida de caridade, entendida como amor de Deus e do próximo, para um aprofundamento

das ligações com Cristo e para uma aproximação com as pessoas, numa atitude de serviço.

Além disso o desenvolvimento do carisma não só se torna impossível, sem o aumento das virtudes religiosas, da caridade comunitária e do zelo apostólico, mas também sem uma completa participação no sacrifício redentor da Cruz.

As regras devem ter em mira, mais que a prescrição de minuciosas observações, fazer com que se conserve sempre viva nos corações a mesma chama acesa pelo Pai Fundador.

Visto que o carisma tem sempre uma função social na Igreja, a intenção apostólica lhe é essencial e deve animar toda a conduta do religioso, também quando se dedica à oração e à sua santificação pessoal.

O religioso deve ter confiança no carisma do seu Instituto e acreditar com certeza que a virtude do Espírito Santo produzirá por ele frutos maravilhosos, ainda que estes nem sempre possam ser percebidos de modo visível.

A graça, que é concedida em diversas medidas a cada membro do Instituto, é dada justamente para que possa desenvolver o carisma particular, que lhe foi confiado. Assim cada Instituto pode ter a sua espiritualidade e ordinariamente os Fundadores, sobretudo quando são santos, se tornam o modelo perfeito deste espírito.

O Carisma Apostólico do Bertoni

O impulso carismático, que o Espírito Santo imprime em quem é escolhido para fundar um Instituto religioso, tende a reproduzir nele, de modo bastante fiel, a vida de Cristo, segundo as exigências do tempo, no qual ele é chamado a viver, ou numa mais profunda conformidade com o Evangelho, que será plenamente válida também para os tempos futuros.

A vocação particular do Bertoni se revelou, através do convite do Espírito Santo, que o leva desde jovem a um íntimo relacionamento pessoal de amizade com Cristo, a uma participação mais iluminada da sua vida de pobreza, virgindade e obediência e a uma maior disponibilidade em difundir, na continuação da forma de vida e de missão dos Apóstolos, a mensagem evangélica.

O dom especial, portanto, que levou o Bertoni a fundar a Congregação dos Estigmatinos, foi o carisma missionário, conforme a expressão precisa, que ele mesmo deixou nas suas Regras: “missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos”, isto é missionários que, com todas as suas forças e a graça particular da própria vocação, desempenham a atuação da “missão apostólica”.

O Senhor foi preparando o Bertoni para a função de Fundador, enriquecendo-o de dons especiais, o mais fundamental dos quais foi uma ardente caridade, que explodiu como um novo Pentecostes, durante a rumorosa Missão de São Firmo e Rústico, perto de dar início à sua Congregação.

O olhar unificante dirigido a Jesus, numa vida de contemplação solitária, foi sempre para o Bertoni premissa indispensável de todo o seu ministério sacerdotal e também uma atitude ininterrupta, durante o desempenho de sua própria ação apostólica.

A vida de imitação de Cristo levou o Bertoni a uma estreita participação ao seu sacrifício redentor, para o bem da Igreja e a salvação das almas e a uma terna devoção à Paixão do Senhor, que se acentuou durante o seu recolhimento nos Estigmas.

A espiritual união com Cristo levou, além disso, o Bertoni a:

— uma intensa e incessante busca da maior glória de Deus tornando-se isto o urgente motivo de toda sua ação missionária e o estímulo para um apostolado sempre mais criativo;

— o exercício do amor puro, sem visar ao próprio interesse, mas a Deus somente;

— manter-se num nível sobrenatural, dentro da esfera de influxo da fé, da esperança e da caridade, sem jamais deixar de lado um só ponto de perfeição, com o pretexto de fazer brotar as obras;

— um ato incessante de culto, que o fazia estar sempre respeitosamente na presença de Deus: em santidade e justiça diante dEle em todos os nossos dias, como gostava de repetir;

] — um espírito de profunda humildade e de absoluto escondimento, conquistado com o dom da piedade, que lhe dava o sentido de sua indignidade e pequenez e lhe abria o coração a uma filial confiança no Pai Divino, em cujos braços ele se abandonava e se entregava completamente;

— uma terna devoção a Maria e a São José, em cuja união virginal vislumbrava o símbolo não só das famílias cristãs, mas também da unidade de sua família religiosa.

O Bertoni desempenhou sua missão particular, movido por um sentimento vivo de Igreja, à cuja disposição encaminhou toda a sua obra, por um inabalável devotamento ao Papa e aos Bispos e um ardente desejo de renovar o espírito do sacerdócio católico, para o bem das almas, especialmente dos mais humildes, os pobres, os marginalizados e as crianças.

Nos diversos ministérios, onde trabalhou, ou porque os viu brotar dos sinais dos tempos ou porque indicado-lhe pela vontade dos Superiores, se enriqueceu com preciosas experiências, que lhe fizeram discernir mais claramente o núcleo central do seu carisma particular, a ser transmitido a seus filhos, ainda que por razões independentes de sua vontade, não pôde exercitá-lo plenamente durante sua vida. Este núcleo central válido para todos os tempos, devia consistir numa participação especial à função do magistério dos Bispos, sucessores dos Apóstolos, no anúncio do Evangelho, como verdadeiros missionários.

A Transmissão do Carisma Apostólico do Bertoni aos seus Filhos, Reunidos em Comunidade Consagrada.

Antes de transmitir o seu carisma apostólico, o Bertoni preparou, por assim dizer, o terreno propício, formando uma comunidade consagrada, ligada pelo amor e pela observância dos conselhos evangélicos. O Carisma comunitário precedeu assim o carisma apostólico.

Os primeiros Padres e Irmãos que, seguindo seu exemplo, abraçaram a vida religiosa, como expressão mais plena do amor, na livre inteira entrega da própria pessoa de Deus, tinham em vista aperfeiçoar a sua consagração batismal, assumindo, além das exigências ligadas ao sacramento: não só a obrigação da castidade, mas a escolha da virgindade, não só o desapego os bens terrenos, mas a pobreza como renúncia a qualquer propriedade pessoal, não só a obediência à autoridade da Igreja, mas a submissão a uma regra comum e à autoridade de um Superior.

Visto que cada chamado de Deus à Vida Religiosa encontre a sua atuação somente numa plena e radical comunhão fraterna e dado que sua autêntica dimensão consista em exprimir o empenho unitário da Igreja, não só como testemunho, que impulsiona a realização desta união, mas como contribuição à realidade profunda da Igreja, que é essencialmente una na caridade, assim o Bertoni se colocou em tal perspectiva, quando formulou a seguinte regra: “Cada um tenha diante dos olhos, como norma desta concórdia, o que se lê nos Atos dos Apóstolos, a respeito da conduta dos primeiros fiéis, de onde cada Ordem Religiosa encontrou origem e forma: “Eles tinham um só coração e uma só alma e colocavam tudo em comum e o dividiam com os outros, conforme a necessidade de cada um. E por isso todo o dia tomavam o alimento com alegria e simplicidade de coração, louvando a Deus e recebendo o benefício de todo o povo: e era abundante em todos a graça” (At 4, 32-33).

Os votos religiosos são considerados pelo Bertoni, não apenas em função das consagração, mas também da unidade. O celibato de fato ajuda em uma doação ainda maior aos irmãos, com o mesmo amor de Cristo; a pobreza auxilia a compreender como a via para a unidade, passe por aquela da comunhão de bens; enfim a união em grande parte se concretiza com o vínculo da obediência.

Para o crescimento da unidade o Bertoni acha indispensável o progresso no amor a Deus e a Jesus Cristo, a oração e a meditação, enfim o aumento das virtudes e dos dons.

A presença de Jesus Cristo, no meio dos irmãos unidos e em harmonia, é fonte daquela alegria, que os religiosos sentem nos seus relacionamentos de amor comunitário.

O carisma apostólico transmitido pelo Bertoni aos membros do seu Instituto, unidos em comunidade consagrada, se manifesta numa maior disponibilidade para o bem das almas, em força do voto de castidade, pelo desapego completo dos bens terrenos, com o voto de pobreza, na prática da obediência, que os faz deslocar-se para qualquer lugar aonde a vontade do Superior, sob as ordens do Bispo, os envie a cumprir uma missão.

A sensibilidade eclesial do Bertoni é expressa enfim naquela repetida convocação para o serviço da Igreja e para o auxílio aos Bispos, para os quais quis delinear e orientar toda a obra dos seus missionários apostólicos.

Características Especiais do Carisma Bertoniano Transmitido a seus Filhos

Os filhos do Bertoni, como “missionários apostólicos em auxílio aos Bispos” por particular vocação e carisma, são chamados a realizar a “missão apostólica”, para maior serviço e benefício da Igreja, em colaboração com os Bispos, no ministério da palavra, especialmente com Missões, na formação do clero e na educação da juventude (Const. 165 ss).

Eles são “Missionários” porque foram enviados pelos Bispos, com anterior designação dos próprios Superiores, para desempenhar a função de arautos do Evangelho, comunicando aos homens o Mistério de Cristo e ensinando as verdades necessárias e úteis à vida eterna.

“Apóstolos” porque se tornaram participantes da missão apostólica dos Bispos, e a competência exigida pelos titulares da Propaganda Fidei foi considerada por Bertoni como ideal daquela especialização, que devia distinguir os seus filhos e mais ainda porque na forma de vida dos Apóstolos descortinava para os seus religiosos um modelo mais próximo do Evangelho e um trabalho pelas almas mais amplo e desprendido.

Para a edificação do Corpo místico de Cristo, como serviço missionário da palavra, com as pregações, o catecismo e as conversas particulares, todos os Estigmatinos são chamados, segundo sua capacidade, ou segundo os diversos ministérios recebidos.

Caráter peculiar dos Estigmatinos deve ser aquele espírito de simplicidade e humildade, no recolhimento interior e exterior, que o Bertoni viu compendiado nos doze graus de São Bento.

O procurar configurar-se a Cristo padecente é outro caráter da espiritualidade bertoniana e do seu carisma, ressaltado na devoção ao Crucifixo e às Cinco Chagas (Estigmas), principalmente àquela do Sagrado Coração.

O exemplo dos Santos Esposos Maria e José, a ter sempre diante dos olhos, para aprender o exercício da pobreza, assiduidade na oração, a prontidão na obediência, a caridade para com Deus e para com o próximo, no zelo pela sua saúde espiritual, ainda que à custa da própria vida, foi prática comum desde os nossos primórdios.

Outro baluarte do carisma bertoniano é a fidelidade ao Pontífice e à Santa Sé, com a pronta obediência aos Bispos, naquilo que diz respeito ao exercício do ministério apostólico e à estreita colaboração com eles.

A “ratio vivendi”, isto é o modo de viver, é para os Estigmatinos aquele praticado pelos eclesiásticos de vida mais perfeita, em meio aos quais vivem e de edificação dos fiéis, pela moderação cristã e religiosa pobreza.

Segundo o Bertoni os Estigmatinos, ao menos em certo número, devem ficar desempeidos de empenhos perpétuos e particulares de almas, para se tornarem mais disponíveis aos pedidos dos Bispos e poder ir com toda a rapidez, para onde forem convidados.

É pedida a especialização nas ciências, sobretudo eclesiásticas como Sagrada Escritura, Teologia, Liturgia e ainda nas questões pastorais, sociais e pedagógicas, mas para todos é primeiramente necessário o empenho em se aperfeiçoar no ministério próprio dos missionários apostólicos, que é aquele da palavra de Deus.

III – O “ESPÍRITO DO BERTONI”

Fundador dos Missionários Apostólicos

Alguns elementos mais comuns da sua espiritualidade

Através do espírito pessoal do Bertoni se consegue conhecer melhor o seu carisma particular e se descobrem mais facilmente os elementos constitutivos da vocação daqueles, que são escolhidos para dar continuidade à sua missão.

A obra do Bertoni é toda endereçada a um renovamento ou restauração espiritual, sobretudo no ministério eclesiástico (C. S. IV, p. 158 s). Ele foi movido a ler nos acontecimentos, “que são a linguagem de Deus” (Med. 14, I Rs) aqueles sinais dos tempos, que determinam a exigência ou o plano de reforma, propondo uma imitação da vida de Cristo e dos Apóstolos mais direta, em base a uma inabalável adesão ao Pastor Supremo (Med. 16 b, I Rs).

A adaptação aos problemas e às exigências dos nossos tempos não será impedimento para a sobrevivência do carisma particular e do espírito pessoal do Bertoni; ao contrário este carisma e este espírito, redescobertos por novos estudos e por meditações mais profundas, poderão fornecer preciosos elementos para reavivar a forma de vida e o apostolado específico do seu Instituto, em consonância com as necessidades dos homens de hoje e com a luz do Concílio Vaticano II, que propõe, como um claro dever, manter fidelidade ao espírito do Fundador e às suas verdadeiras intenções (P. C. 2 b).

O Pe. Bertoni fundou uma Congregação de Missionários Apostólicos, que como tais foram aprovados desde o ano de 1855 (Decreto de Louvor) e que por diversos anos foram entendidos nesse modo tão claro, a ponto de não deixar dúvida alguma sobre a própria identidade constitutiva e sobre a própria missão. Se em tempos posteriores se verificou talvez um certo ofuscamento a esse respeito, sempre é possível se refazer a estrada, que o mesmo Bertoni percorreu:

a) com a docilidade ao Espírito Santo: aquele que começou e inspirou a obra, ele mesmo a concluirá;

b) com a guia da Igreja: em especial à luz do Concílio Vaticano II;

c) com o empenho de toda a Congregação em descobrir a divina vontade nas circunstâncias, “que são a linguagem de Deus” (Med. 14, I Rs).

As necessidades do mundo atual são imensas e dos tipos mais disparados. Ora, os “Missionários Apostólicos em auxílio aos Bispos” não podem se espalhar em todos os setores, porém para que o seu trabalho seja eficaz é necessário que seja coerente e determinado. É preciso que sejam bem definidas as dimensões constitutivas da vocação do Missionário Apostólico, quer para preparar os indivíduos à precisa finalidade do Instituto, quer para determinar o que é exigido para serem reconhecidos como verdadeiros membros desta família religiosa.

O Missionário Apostólico completa a sua consagração batismal, incorporando-se, com a sua profissão religiosa, em uma comunidade clerical, que admite também irmãos coadjuutores. Ele colabora com o plano de salvação do Redentor, através do exercício do ministério da Palavra e de todos os ministérios, para os quais a vontade do Bispo o chama, de acordo com os Superiores religiosos e com as regras do Instituto. O Missionário Apostólico usa como instrumento privilegiado de salvação das almas, onde é possível, a “Missão Popular” e ligada a esta uma série de atividades apostólicas que, em consonância com o espírito bertoniano, possam satisfazer, dentro de certos limites, também as exigências pessoais e os desejos de cada um.

O Bertoni, ao traçar as Constituições, se deixou guiar pelo Espírito Santo, entendendo dessa forma ajudar os seus filhos a viver a sua relação pessoal com

Deus em um nível de fé, esperança e caridade, renovada todos os dias por um espírito de elevada oração contemplativa, no seio de uma comunidade de amor.

Elementos particulares do espírito Bertonianiano

Por educação, por inspiração e por sua pessoal escolha, o Bertoni se sentiu movido a assimilar, em grande escala, a espiritualidade inaciana. A estrutura e os métodos do Fundador da Companhia de Jesus penetraram, pois, na sua vida e na sua obra de maneira preponderante, sem porém, sufocar a originalidade pessoal e sem reduzir a sua Congregação a uma cópia daquela do Loiola. Os elementos inacianos ficaram na raiz, formam como que a nervura da obra bertonianiana, porém o edifício é fruto de um seu desenho distinto, com caracteres bem diferenciados. O Bertoni não propôs no século XIX um rígido programa de vida e de ação próprio do século XVI, mas o adaptou às suas exigências, modificando até profundamente o esquema inaciano, como resulta, por exemplo, na Parte X “De unitate seu unionis Sodalitatis”.

No Bertoni aparece primeiramente de forma acentuada o elemento cristocêntrico. “Devemos fazer em nós mesmos um retrato de Jesus Cristo” (M. P. 26.02.1809). Não se trata apenas de uma imitação exterior, traçada nos mínimos detalhes da vida, da paixão e da morte de Cristo, mas de repetição até de seus estados interiores, imitar por exemplo, “a oração e os desejos santíssimos de Cristo”. O seu Memorial Privado é uma eloqüente demonstração deste espírito cristocêntrico, que se alimenta, de modo particular, com a Eucaristia, em cuja celebração ele experimenta os movimentos mais veementes, de ordem também mística, em relação ao seguimento do Cristo, “pela pobreza e ignomínia” (25.09.1808), até o ponto de transformar-se completamente nEle, de tal modo que Jesus viva em mim e não mais eu (25.10.1808). Em Bertoni não havia então apenas o aspecto militar, próprio da meditação do Reino e da inspiração recebida aos pés de Santo Inácio: “Eia, soldados de Cristo...” (15.09.1808), mas o impulso da alma contemplativa, que vê em Cristo o amigo amoroso e o pai misericordioso. As suas Constituições possuem a tal respeito apelos, que são de capital importância:

a) quando ele trata do estudo, cujo princípio e incentivo são ditados pelo Crucifixo, conforme a sentença de São Paulo: “Não creais saber outra coisa entre vós, a não ser Jesus Cristo e este crucificado” (Const. 51);

b) quanto vê a consagração do celibato, na luz de um sponsalício espiritual com Cristo: “a sua alma (do Missionário Apostólico) unicamente desposada com Ele... deve ser apresentada a Cristo como virgem casta, isto é santa de mente e de corpo”;

c) quando o apostolado conduz o Missionário Apostólico a se tornar representante ou paraninfo de místicas núpcias entre a alma e Cristo e a conservar constantemente diante dos olhos o idêntico modo de Cristo conversar com as pessoas.

O Bertoni, desde jovem membro da Congregação Mariana de São Sebastião e fundador depois dos Oratórios Marianos de Verona, foi sempre um filho devotíssimo de Nossa Senhora, renovando todos os dias e entrega completa de si em suas mãos. E com a Santa Virgem ele honrou, com um culto especial, seu castíssimo esposo José. A triste experiência que teve no seio da própria família, desagregada por insanável desarmonia entre seus pais, deve ter influenciado na escolha do Esponsalício de Maria com José, como festa patronal de seu Instituto, quase a se recompensar, à sombra daquela união santa de amor casto e fiel, por aquelas angústias provadas na própria casa. O altar-mor dos Santos Esposos, que ele dedicou na igreja restaurada dos Estigmas, se tornou o centro espiritual de sua família religiosa, não só porque se voltava para Maria e José como os principais titulares em todos os eventos da Congregação, mas também como modelos apropriados daquela união de vida consagrada a Deus e às almas, que se devia levar nos Estigmas.

Pela ação de seus Missionários Apostólicos, o Esponsalício se tornava um meio eficaz para suscitar nos cônjuges cristãos fidelidade e aperfeiçoamento de vida.

O Bertoni, que se sentiu chamado à renovação do ministério eclesiástico, inculcou em todos os sacerdotes diocesanos a exigência da santidade, como estado de vida, no espírito dos conselhos evangélicos. Com maior razão ele sentiu essa necessidade para a Congregação, que estava fundando no mais genuíno espírito evangélico, com a profissão da pobreza, castidade e obediência, numa perfeita vida comunitária, com a preocupação particular de favorecer exterior e interiormente a mais íntima união com Deus, até aos mais elevados graus da contemplação infusa (Med. 16, I Rs).

A Congregação do Bertoni é endereçada à instituição apostólica, porque pela sua vocação participa da missão da Igreja, ao anunciar e levar a verdade salvadora a todos os lugares, na diocese e no mundo. Isto provém do carisma apostólico particular confiado ao Bertoni e transmitido aos seus filhos. No plano da reforma do ministério eclesiástico, o Bertoni vê como indispensável estes caracteres ou exigências específicas:

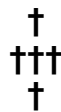
- a) uma aberta confissão de fé, sem vacilações ou temores: vida sobrenatural;
- b) imitação da Paixão de Cristo, sem as comodidades da vida, desprezando a morte: mortificação;
- c) união de verdadeiros sacerdotes, para buscar em conjunto a glória de Deus: caridade comunitária;
- d) desejar o céu e não as rendas terrenas: gratuidade absoluta dos ministérios (Med. 14, I Rs).

O elemento eclesial possui um destaque particular no espírito do Bertoni, não só pelo seu devotamento incondicional ao Sumo Pontífice, mas também por aquele

serviço obsequioso à Igreja, que é a motivação presente nas intenções, nas preparações e nas atividades do Missionário Apostólico. O fim específico, pois, que o Bertoni apontou aos seus filhos foi aquele de colaborar com os Bispos, particularmente no ministério da palavra. Porém se o seu Missionário Apostólico deve ter uma visão universal da Igreja, não pode se descuidar das necessidades particulares da região, onde vive, procurando colaborar com os sacerdotes diocesanos e de outras Ordens e se ocupando de preferência com o bem dos sacerdotes e dos clérigos.

A disponibilidade, individual ou como equipe volante, no auxílio aos Bispos, é condição indispensável para a realização do fim próprio dos Missionários Apostólicos. Requer-se, portanto, o mandato ou o envio do Bispo, com anterior designação dos Superiores, a fim de que os ministérios tenham o sentido verdadeiro e próprio de apostólicos e é necessária a obediência, para que a obra esteja dentro da divina vontade salvífica.

A disponibilidade e a prontidão são prerrogativas próprias dos missionários bertonianos; e se o zelo criativo de cada um levar a promover novas obras, a iniciativa deverá sempre ter o sinete da licença dos Superiores, conforme o áureo ensinamento do Pai: “Quando uma alma é assim dócil aos Superiores, até de frente do próprio juízo, então é seguramente conduzida pelo Espírito de Deus (Med. 35, I Rs)”.



Pe. Nello com os Estigmas ao fundo
(Verona, 29/09/2000)

Pe. Nello Gino Dalle Vedove é sacerdote da Congregação dos Sagrados Estigmas, Província Sacro Cuore, Itália. Nasceu em 02/04/1917 em S. M. Estra, VR, Itália, e foi ordenado sacerdote em 13/07/1941.

É autor de diversos livros sobre São Gaspar Bertoni, inclusive de sua biografia em seis grandes volumes. Juntamente com Pe. Giuseppe Fiorio [1876-1958] e Pe. Giuseppe Stofella [1885-1966] é tido como um dos maiores historiadores Estigmatinos.

Foi postulador da causa de beatificação e posteriormente de canonização do Fundador, que veio a concretizar-se no dia de Todos os Santos no ano de 1989.

Nota: Pe. Nello escreveu este opúsculo “O Carisma” em comemoração pelos seus 60 anos de sacerdócio, completados em 13/07/2001, e o mesmo foi publicado no mês de agosto seguinte.